

OS ANIMAIS NÃO HUMANOS NA LITERATURA

Camila Beatriz Teixeira de Arruda (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Evelyn Vânia Libanori (Orientadora), e-mail: ieveorama@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Artes e Letras. Maringá- PR.

Área: Linguística **e subárea:** Literatura Brasileira

Palavras-chave: Literatura, Ética animal, Libertação animal

Resumo

O presente projeto teve como objetivo mostrar a presença da ética senciocêntrica em relação aos animais não humanos na Literatura. Para tanto, foram necessárias leituras de filósofos da Ética Animal, principalmente Peter Singer e Sônia Felipe. Os escritores brasileiros por nós trabalhados e que apresentam os animais como seres sensíveis, que merecem consideração ética foram Machado de Assis, Clarice Lispector e Evelyn Libanori. Esses autores ultrapassam a ética especista e antropocêntrica para valorizar a ética senciocêntrica, ou seja, aquela que leva em conta os interesses de todos os indivíduos dotados da sentiência e consciência. Os animais não humanos, como os humanos são portadores dos mesmos cinco sentidos, ou seja, podem sentir e sofrer fisicamente da mesma forma que os humanos. Além disso, animais não humanos também possuem consciência, ou seja, têm um universo subjetivo e estabelecem relações afetivas com os seres à sua volta. Animais humanos e não humanos devem ser respeitados em seu direito à vida, à liberdade e ao não sofrimento. Portanto, a ética senciocêntrica propõe o fim da exploração dos animais não humanos pela nossa espécie. A pesquisa se liga à educação vegana abolicionista, vertente da educação iniciada no Brasil nos últimos anos e que vê a educação como comprometida com a valorização de toda forma de vida animal, seja ela humana ou não.

Introdução

A forma como hoje nos relacionamos com os animais remonta ao século XVII e ao pensamento do filósofo René Descartes (1596-1650) segundo o qual os animais não experimentavam as sensações físicas da mesma forma que os humanos. Para ele, os animais não humanos eram semelhantes às máquinas e, por isso, seriam incapazes de sentir dor. Seu entendimento era o de que os animais não passavam de autômatos com sistema nervoso programado para reagir às ações físicas. As reações dos animais eram

vistas apenas como parte do funcionamento de um corpo sem pensamento, sem inteligência e sem alma:

O que não parecerá de maneira alguma estranho a quem, sabendo quão diversos autômatos, ou máquinas móveis, a indústria dos homens pode produzir, sem aplicar nisso senão pouquíssimas peças, em comparação à grande quantidade de ossos, músculos, nervos, artérias, veias e todas as outras partes existentes no corpo de cada animal, considerará esse corpo uma máquina que, tendo sido feita pelas mãos de Deus é incomparavelmente mais bem organizada e capaz de movimentos mais admiráveis do que qualquer uma das que possam ser criadas pelo homem (DESCARTES, 1999, p. 81)

Essa visão completamente errada resultou o descaso para com o corpo do animal. Durante séculos, a prática da vivissecção foi feita sem cuidado anestésico. Na nossa cultura, até hoje, os animais são considerados “posse” do ser humano. Esse estado de coisas começa a mudar a partir da publicação do tratado filosófico *Libertação animal*, de Peter Singer em 1975. Singer alerta para o fato de que a ética precisa estar voltada também para os animais não humanos. A medida para tratar o outro com consideração é a capacidade do outro para sofrer, e não a capacidade para raciocinar ou não. É certo que os animais não humanos não podem raciocinar segundo o modo humano, mas não é correto dizer que eles não raciocinam, pois eles o fazem de acordo com os mecanismos mentais e afetivos de sua espécie. Singer afirma que “se um ser sofre, não pode haver justificativa moral para nos recusarmos a levar em conta esse sofrimento” (2004, p. 9). No Brasil, a discussão acadêmica sobre a forma como tratamos os animais coube à filósofa Sônia Felipe que, ainda hoje, tem trabalhado no sentido de que as pessoas parem de explorar os animais não humanos. Para ela, o ser humano deveria proteger os animais, pois eles são indefesos e vulneráveis. No entanto, o que a nossa cultura faz é justamente se aproveitar da vulnerabilidade dos animais para explorá-los e matá-los, o que é uma vergonha moral: “Enquanto acharmos que somente a dor humana conta, continuaremos a produzir a dor em todos os animais sem sentir dor alguma. Estamos ficando cada vez mais de-mentes, quero dizer, perdendo nossa mente” (2014, p. 47).

Materiais e métodos

Nossa pesquisa foi bibliográfica, de caráter descritivo, analítico e interpretativo. Estudamos a presença dos animais no texto literário e analisamos a interação entre as personagens e os animais. Para tanto, houve dois momentos na pesquisa. Primeiro foi mostrado o pensamento abolicionista nas produções literárias contemporâneas. Em seguida, foram estudados os textos teóricos para, então, proceder à interpretação. A

primeira obra teórica estudada foi a do filósofo australiano Peter Singer, que em 1975, publicou um livro intitulado *Libertação Animal*, onde expôs suas propostas em favor dos animais. Singer defende que a moral humana perante aos animais deve ser revista e modificada a fim de protegê-los, pois assim como os humanos, eles possuem a capacidade de sentir sentimentos. Sua argumentação em favor ao princípio de igualdade, causou muitas críticas na época, assim como hoje. Para maior amplitude do embasamento teórico, a obra da filósofa Sônia Felipe, *Ética e experimentação animal*, foi de extrema importância para o *corpus*, pois a obra reconstitui os argumentos contrários à experimentação em animais vivos. A filósofa rastreia argumentos que sustentam a tese do valor inerente à vida de todas as espécies.

Resultados e Discussão

Machado de Assis (1939-1908) era um entusiasta da defesa animal. Em crônicas e contos, o escritor abordou o carnivorismo, os direitos dos animais, o uso dos animais em experimentos científicos, as touradas. Na crônica *Carnívoros e Vegetarianos*, publicada na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, em 1893, o autor coloca-se a favor do vegetarianismo. A motivação para a escrita foi uma greve dos açougueiros em março de 1893, ocasião em que o cronista declara ter sido vegetariano por vários dias. Na crônica, o escritor vê o vegetarianismo como nobreza de caráter e sinal de desapego material. O motivo pelo qual o escritor se coloca como defensor do vegetarianismo é o sofrimento que o ato de comer carne causa ao animal. Machado reconhece a violência no hábito de se comer carne, e antecipa a ideia do referente ausente quando afirma que “a arte disfarça a hediondez da matéria. O cozinheiro corrige o talho. Pelo que respeita o boi, a ausência de um vulto inteiro, faz a gente esquecer que come um animal” (MACHADO, 1994, p. 157). Fica claro o incômodo moral do autor. No século XX, vários autores abordaram a relação ser humano/animal, mas Clarice Lispector (1920-1977) fez dos animais tema de sua obra. Clarice é, no século XX, a autora que levantou questões éticas com a forma como tratamos os animais não humanos. A carne é pensada como o que é: o corpo de um animal. O fato de que nos alimentamos de um ser em que corre sangue nas veias é visto como violência. As personagens têm inquietação ética com o fato de comerem um ser que era dono de sua própria vida. A crueldade e a violência no ato de comer carne constituem a origem do incômodo ético das personagens. Comer sangue é entendido como truculência, rastro de nossa ancestralidade que poderia ter sido eliminado. Em *Nós Animais*, da autora Evelyn Libanori os contos são intimistas, narrados em primeira pessoa, retratam a angústia das personagens em situações distintas, mas que sempre as levam a se indagar o porquê dessa carnificina, por que essa tradição de se comer peixe no feriado da sexta-feira santa, por que do especismo, por que a educação do consumo de cadáver de animais não humanos e por que não se rompe esse ciclo abusivo autoritarista sem

relação a determinados animais. Em “Compras no mercado”, a narradora observa a mãe que ensina a filha a comprar carnes e as compara a animais ferozes: “A menina ficou ouvindo o pedido da mãe, aprendendo tudo. A mãe e a filha predadoras andando juntas no mercado. A feroz família feliz” (2014, p. 23). A expressão “feroz família feliz” mostra a crítica da autora quanto à tradição especista.

Conclusões

A relação do ser humano com os animais é, hoje, tema de estudo de áreas diferentes do conhecimento. Na área de Direito, os legisladores se esforçam por aprovar leis que garantam direitos para os animais não humanos. A Filosofia Ética defende a ideia de que os animais não humanos devem ser tratados com a mesma ética com que tratamos os outros seres humanos. Portanto, há evidências científicas de que os animais não humanos são seres que experimentam emoções, sensações, dores, medos exatamente como nós. E, sendo eles exatamente como nós, o animal não humano é o outro com quem estamos moralmente implicados por meio da Literatura. A Literatura tem textos narrativos e poéticos em que o animal não humano ocupa a mesma importância na cena que o ser humano.

Agradecimentos

À instituição de ensino UEM pela possibilidade e substrato para a realização desta pesquisa. A minha orientadora, em especial, Prof.^a Dr.^a. Evelyn Vânia Libanori pelos ensinamentos, auxílio e atenção durante a execução deste trabalho. Ao PIBIC/CNPq-FA-UEM, pelo patrocínio e investimento na ciência.

Referências

- ASSIS, Machado de. **Crônicas escolhidas**. São Paulo: Ática, 1994.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1999.
- FELIPE, Sônia. **Acertos abolicionistas: a vez dos animais**. São José: Editora da Autora, 2014.
- LIBANORI, Evelyn. **Nós, animais**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- SINGER, Peter. **Libertação animal**. Porto Alegre: Lugano, 2004.